

## Confabulações em torno de experiências (pós) dramáticas para o ensino de teatro

Renata Ferreira da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Quais as consequências de se romper com a ideia do teatro como representação de um cosmos fictício? E o que isto reverbera na educação? Dois sujeitos, um dramático e um pós-dramático, conversam sobre o ensino de teatro pensando (pós) drama, imaginação e educação. O que resta? A apreensão do instante da vida sem qualquer expectativa? Imagine não ter expectativas na escola

**Palavras-chave:** Imaginação, educação, teatro pós-dramático

**Abstract:** What are the consequences of breaking with the idea of theater as a representation of a fictional cosmos? And it reverberates in the education? Two people, a dramatic and a post - dramatic talk about theater teaching thinking about (post) drama, imagination and education. What's left? The seizure of the moment of life without any expectations? Imagine having no expectations in the school!

**KEYWORDS:** Imagination, education, post-dramatic theater

### Cenário

Noite. Um quarto de alojamento da polícia militar com cerca de duzentos beliches enfileirados. Um banheiro subterrâneo ao fundo. Dois sacos de dormir abertos em duas camas dispostas lado a lado. Uma pequena lanterna de celular acesa. Duas malas, uma azul e uma berinjela. Folhetos, pastas e crachás onde se lê: Congresso de Educação, Arte e Cultura de Santa Maria – RS. Nas paredes fotografias de militares.

---

<sup>1</sup> Atriz-educadora, mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/2010). Graduada em Educação Artística, Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/2005). Tem pesquisas e publicações nas áreas de metodologia do ensino e formação de professores/as. É professora de artes do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC/São José/SC). Pesquisadora de temas voltados ao campo da performance, da experiência e da educação.

## **Personagens**

Sujeito dramático

Sujeito pós-dramático

### **Sujeito dramático**

— Tenho um olhar estranho à pedagogia, aquele que vem de fora, das Artes Cênicas, e tem uma mirada rara. Lanço hipóteses e verifico os sentidos e os não-sentidos das formas-pensamento que crio a partir do meu estranhamento. Vontade de invenção do que faço e do que sou.

Mais um passo e já estou no território da apreensão do real mediante o estudo da imaginação. “A imaginação é capaz de aprender o instante” como diz o Jean , que sei que você leu. Assim como ele, escolho a via poética como abertura para um brilho intenso para outro espaço, como um convite à inscrição neste outro tempo. Ora, a escola condena as crianças a renunciarem à imaginação, ao instante. Eu gosto de descobrir como brilhar a pedagogia. Desejá-la lenta, paciente e saborosa. Você deve lembrar que Georges Jean afirma a imaginação como capaz não só de falar o real como também de movimentar um pedagógico poético que coloca as crianças a um passo de descobertas sempre novas e fecundas. Confesso que desejo um aprender que faz brotar, aquele que nos localiza a partida, mas não a chegada. Se a escola carece de brilho, penso que as rotinas, as formas, os planejamentos e os controles não estão dando conta do instante da vida, do concreto da realidade, coisa que a imaginação, quem sabe, pode ser capaz.

### **Sujeito pós-dramático**

— Eu não quero um método, um sistema fechado. Quero tratar de coisas mais objetivas como riscos, sonhos, surpresas e risos. Você acha que é possível não querer ensinar na educação?

### **Sujeito dramático**

— Há cerca de cinco anos, fui até um Jardim de Infância brincar com as crianças. Observei o cotidiano, seus rituais, a forma de experienciar o mundo... Conversei com a merendeira, o assistente, a diretora, as professoras. Quis desenvolver uma temática com

elas<sup>2</sup>: a problemática ambiental da Lagoa da Conceição. Dediquei-me mais tempo do que o previsto nesta prática partindo do pressuposto de que não há como não fazê-la antes de qualquer prática que se pretenda “educativa”. Eu já partia com o tema “Lagoa da Conceição”, mas percebi que o que era a lagoa para mim não era o mesmo para elas. A observação ativa da dinâmica escolar existente foi o meio que encontrei para perceber de que forma elas construíam o pensamento. Busquei registrar e participar de tudo o que pude. A lagoa, embora tão perto delas (o limite do pátio da escola é a própria lagoa), era sentida como algo distante e proibido para as brincadeiras. Lá existiam tubarões que comiam as pessoas... Afirmavam os pequenos. Eu não investiguei um “tema gerador” propriamente dito, mas busquei compreender como se articulava o tema proposto. Percebi certas influências do texto da Madalena Freire, aquele sobre o qual conversamos outro dia...

### **Sujeito pós-dramático**

— A paixão de conhecer o mundo?

### **Sujeito dramático**

— Isso. Senti que minha prática ressonava com a necessidade de investigação apontada não só por ela, mas por Paulo Freire. Era como se eu reafirmasse a importância de observar as crianças, no anseio de trazer, a partir destas observações, novas vias, formas e surpresas. Assim, ao perceber que muitas brincavam de serem médicas, ocorreu-me propor uma brincadeira coletiva: seríamos “médicos e médicas” da lagoa. Vou assumir meu furto: estou roubando princípios do drama como método de ensino para pensar uma forma de conhecer que necessita de imaginação, de uma *razão delirante*<sup>3</sup>. O drama como método de ensino (*pausa*). Eu gosto de pensar como forma de conhecer ao invés de método.

### **Sujeito pós-dramático**

(risos)

---

<sup>2</sup> Esta prática de estágio curricular foi realizada, durante minha graduação no curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Estadual de Santa Catarina, no Núcleo de Desenvolvimento Infantil da comunidade do Canto da Lagoa, em Florianópolis, no ano de 2005. Contou com a parceria de Mauren Kelli Oltramari.

<sup>3</sup> Expressão do autor Georges Jean. Ver referências.

### **Sujeito dramático**

— A “Biange”, professora da UDESC, foi uma das pessoas que trouxe esta proposta para o Brasil.

### **Sujeito pós-dramático**

— Beatriz Cabral?

### **Sujeito dramático**

— Exato. A proposta veio dos países anglo-saxões, numa concepção do jogo dramático diferente da concepção francesa que, acredito eu, tem mais relação com os jogos teatrais e com um fazer teatral sem tanta tutela do coordenador.

Veja bem, refere-se a técnicas e estratégias que envolvem o grupo numa experiência artística. O potencial estético do teatro na educação é enfatizado e imerso num contexto dramático que “conhece sentindo e constrói expressando” por meio da construção de uma narrativa dramática.

### **Sujeito pós-dramático**

— Um momento. Os jogos teatrais são aquele sistema criado e desenvolvido por Viola Spolin e divulgado aqui no Brasil por Ingrid Koudela. Não é isso?

### **Sujeito Dramático**

— Exato. Nesse sistema somos convidados a improvisar por meio de jogos e jogos com regras e com uma estrutura baseada em três eixos oriundos da linguagem teatral.

### **Sujeito pós-dramático**

— Lembro bem do que, onde e quem; a atenção é fixada num ponto de concentração que pode ser um objeto, uma pessoa ou uma ação.

### **Sujeito Dramático**

— Isso. Daí a ênfase está na comunicação teatral e num trabalho no nível físico – uma experiência concreta.

### **Sujeito pós-dramático**

— O que ela chama de fiscalização, não é? De certa forma, um instrumento para a aprendizagem de uma comunicação direta, uma percepção mútua com a plateia por meio da linguagem física. E os jogos teatrais também possibilitam a criação de narrativas cênicas, não é verdade?

### **Sujeito dramático**

— Sim, podem inclusive fazer parte de uma estrutura dramática. A pesquisadora Heloíse Bauriche Vidor (2007) tem um interessante estudo sobre as diferentes possibilidades para a construção na narrativa cênica na sala de aula por meio dos jogos teatrais! Ela enfatiza, por exemplo, a proposta de Beatriz Cabral, pensando drama e jogos teatrais. No drama construímos uma narrativa por meio de convenções teatrais com personagens e narradores. A história contada configura-se numa narrativa e a série de episódios vividos vai configurando o enredo, a estrutura dramática e oportunizando conexões entre vida real e vida ficcional.

### **Sujeito pós-dramático**

— Há teatro sem drama?

### **Sujeito dramático**

— (*pausa*) Qual o problema de se pensar drama no teatro? Por exemplo, as pesquisas de Ingrid Koudela nos textos “Brecht: um jogo de aprendizagem”, “Um vôo Brechtinano” ou ainda “Texto e Jogo” trabalham com fragmentos das peças didáticas de Bertold Brecht. Estratégias como protocolos, troca de papéis e coro garantem novos sentidos que conectam “gestus” e texto. Não necessariamente temos aqui um contexto

dramático linear que se propõe a mimetizar ações humanas numa perspectiva catártica aristotélica. É neste sentido que você está pensando drama no teatro?

### **Sujeito pós-dramático**

— Acredito, e não só eu, o Lehmann também, que pensar o teatro como drama é pensá-lo como ação mimética representada por atores reais de ações humanas. Esta fixação na ação faz do teatro uma variável dependente de outra realidade. Uma espécie de tríade: drama, ação e imitação. Não aconteceria o mesmo com o drama como método de aprendizagem? Não me contento com o que você trouxe até aqui. O drama como método de ensino é pensado a partir de uma tradição teatral moderna e europeia, na qual o teatro é tido como uma representação dramática imitativa, subordinado ao primado do texto. Ou seja, uma totalidade cognitiva e narrativa que constrói uma ilusão e que coloca elementos como partituras gestuais, musicais, figurinos e cenários em segundo plano... Mesmo rompendo com a linearidade e a catarse aristotélica e nos utilizando de recursos como troca de personagens, “gestus”, estranhamento e abrindo espaço sobre a consciência do processo de representação no que é representado e sobre uma nova arte de assistir, não deixamos para trás um estilo político com tendências a um discurso totalizante e racional, percebe?

### **Sujeito dramático**

— Hum... Faz sentido. Posso continuar a descrever a experiência?

### **Sujeito pós-dramático**

— Claro. Acho que os preceitos seguem as práticas. Prossiga.

### **Sujeito dramático**

— Como “desculpa” para começar a história há um pré-texto. O grupo é envolvido em um tema. No decorrer do processo há sempre escolhas, papéis a serem assumidos, e uma constante renegociação da forma dramática em termos do contexto das ações e dos objetivos dos participantes. Lembro que nesta experiência com as crianças do jardim de infância eu perguntei se podia brincar de ser professora. O grupo pareceu aceitar a ideia. Depois de muitas brincadeiras e conversas, nos reunimos para a

roda das novidades num cantinho da sala de aula especialmente reservado para isto. Minha parceira de estágio contou uma novidade sobre a Lagoa da Conceição introduzindo o tema e eu contei a última novidade daquela roda referente ao mesmo tema: aprendi uma música de proteção para as águas. Compartilhei. Eles adoraram. Cantamos e recantamos. Em seguida, lembramos que havíamos trazido um presente para eles. Pegamos uma caixa em nossa mochila. Brincamos com a caixa um pouco... Surpresa. Fotos da lagoa, de pessoas na lagoa, do Jardim de Infância e até um mapa bem grande da região da bacia da Lagoa da Conceição. As crianças viram as fotos, bastante concentradas. Pouco a pouco, iam lembrando histórias de idas à lagoa com a família. Um dia... Ô tia... Uma vez eu... Conversamos sobre tudo o que as fotos nos faziam recordar. Eles adoraram se localizar no mapa... Resolvemos criar o mapa no chão da sala com uma corda. Surgiu uma lagoa imensa e brincamos de tudo o que foi possível nela. Estávamos imersos numa experiência caótica e linda. Vivenciamos ali a lagoa. Não havia dúvida de que estávamos imersos naquele tema.

### **Sujeito pós-dramático**

— Será que realmente houve uma partida para o desconhecido ou tudo ficou ainda sob certo controle nesta experiência?

### **Sujeito dramático**

— (*pausa*) Eu apenas imaginava o que poderia acontecer. Mas o brincar com a lagoa, as histórias que os pequenos iriam trazer, o jogo com a caixa, a duração da atividade foi tudo um acontecendo... E aconteceu assim, sem muito controle. Como delimitador do espaço cênico tínhamos uma corda sempre disponível para qualquer criação. Todos estavam num mesmo status, redescobrimo como aprender significativamente questões sobre a Lagoa da Conceição de forma a compreender um evento anual que se chama “Abraço na mãe Conceição”, no qual a população é convidada a abraçar a lagoa. O Jardim de Infância havia sido convidado a participar. Nosso pré-texto pareceu ter sido gerativo. Será que é assim que se começa a fazer drama na escola? Acredito que a função do pré-texto é bem mais ampla que a de um estímulo porque, além de sugerir a ideia ou ação inicial, o pré-texto indica não apenas o que existe anteriormente ao texto (contexto e circunstâncias anteriores), mas também subsidia a investigação posterior, já que introduz elementos para identificar a natureza e os limites

do contexto dramático e do papel dos participantes. É claro que estava propondo algo, e qual o problema?

### **Sujeito pós-dramático**

— Ora... Não seja dramático! O princípio por meio do qual o drama é percebido refere-se a um mundo, a um conjunto, a uma totalidade, a uma ilusão que representa o mundo por meio de sua forma. E que forma é esta? Uma história contada por meio de ações, personagens e diálogos. O teatro é tido como lugar de fala direcionada a um público. O modelo dramático é tão presente que se confunde com o próprio teatro, porém, podemos pensar o teatro a partir de outras perspectivas, como por exemplo, a pós-dramática.

### **Sujeito dramático**

— Você está sugerindo que eu penso o evento aula como um discurso que é direcionado aos estudantes, sendo que o mesmo representa um mundo, por meio dos conteúdos?

### **Sujeito pós-dramático**

— Estou refletindo nesta perspectiva. Mas continue sua exposição. Sua experiência dramática ajuda-me a pensar, além do dramático o não-dramático.

### **Sujeito dramático**

— A ficção deve ser convincente no drama. As situações devem ter coerência interna – do acesso à informação ao material de pesquisa disponível ao grupo. A atmosfera criada, o espaço cênico, o figurino, os objetos de cena devem ser preparados, em princípio, pelo professor. Conhecer objetivamente por meio da subjetividade. Eu sei que nós dois achamos isso uma ferramenta na busca do conhecimento objetivo.



### **Sujeito pós-dramático**

— Como aquilo que estabelece as próprias condições da objetividade nos dizeres de Kieran que sei que você leu.

### **Sujeito dramático**

— Exato. Para ele, o ato de aprender imaginando envolve nosso ser integralmente: corpo, emoções e infinito. Neste sentido, as formas que não nos conectam com estas dimensões são educacionalmente estéreis.

### **Sujeito pós-dramático**

— Mas se eu não tiver como princípio a representação do mundo, o que fazer além do drama? Quais as consequências de se romper com a ideia do teatro como representação de um cosmos fictício? E o que isto reverbera no drama como método de ensino e na própria educação?

### **Sujeito dramático**

— O drama por si só não pode determinar a estética do espetáculo, ou seja, não é a ausência de texto que assegura um teatro pós-dramático, mas o uso que a encenação faz destes textos, ou, podemos pensar, o uso que a aula faz dos mesmos. Afirmar o teatro pós-dramático como conjunto de sistemas instáveis, simultaneidade de canais de enunciação, pluralidade de significados em lugar de fixar um modelo geral faz com que o conceito de teatro pós-dramático exploda em direções tão diversas que a única característica comum seja esta oposição ao primado do texto.

### **Sujeito pós-dramático**

— Meu interesse pessoal não é compreender o teatro pós-dramático como ponto de partida para a crítica e a compreensão da cena contemporânea, mas perceber as contribuições deste pensamento para pensar processos de aprendizagem. Ora, se a partir do drama foi possível pensar um drama como método de ensino, então um pós-drama pode ajudar a pensar um pós-drama como experiência de aprendizagem.

### **Sujeito dramático**

— Você já encontrou algum pós-drama como método de ensino?

### **Sujeito pós-dramático**

— Confesso que já coloquei no Google e nas plataformas Capes e CNPq e ainda não encontrei nada... Será que eu alcançarei um possível, se levantar o problema da possibilidade do que eu mesmo falo?

### **Sujeito dramático**

— Eu compreendo o imaginar como criar imagens, formas e ações que oxigenam as funções mentais, o que não se distingue necessariamente da razão, mas a potencializa, flexibiliza, proporcionando à vida mental significado, abundância e deleite. Imaginação como o que faz brilhar (*pausa*). Deixa eu te contar. No segundo encontro com as crianças no Jardim de Infância nosso objetivo foi celebrar a lagoa. A ideia é que cada encontro seja vivenciado com uma linguagem diferente. O primeiro foi drama em conjunto a partir do estímulo de um presente. Já o segundo, teatro de sombras. Contamos um sonho. Uma viagem num submarino. Trouxemos um desenho para eles verem. Em seguida, o grupo foi convidado a conhecer o fundo da água. Escureci a sala com papéis na janela contando com a ajuda da auxiliar de ensino. Com uma corda de varal, grampos, e um lençol branco criamos uma tela para sombras. Nossa corda neste momento virou os limites de um submarino. Todos dentro dela segurando-a com as mãos e lá entramos nós na escura sala. Uma música ajudou a dar um clima de mistério. O jogo proposto e assumido foi que a tela era a janela do submarino. Eu fazia as mais variadas sombras de peixes, plantas, tormentas, cores e calmarias. Eles reagiam do outro lado com suspiros, movimentos corporais, perguntas e respostas. Já no terceiro encontro trabalhamos a partir de professor-personagem... Há episódios – fragmentos e eventos – que compõem a estrutura narrativa. Ainda que o grupo não possa deixar o espaço físico da sala de aula, pode criar as mais variadas situações, cenas de uma história a serem vivenciadas integralmente a partir das ações e escolhas realizadas pelo grupo a partir do que focaliza o(a) professor(a). Para este nosso terceiro encontro contamos com a ajuda do seu Manuel, responsável pelos serviços gerais da escola. Nós estávamos cantando em roda quando seu Manuel nos trouxe uma carta gigante endereçada ao nosso grupo. A carta foi enviada por um desconhecido Doutor Limpa Lagoa e continha um saco de lixo preto e um mapa. Juntos, descobrimos que se tratava de um mapa com indicações que

nos levariam a revelar quatro segredos escondidos no parque. Dividimo-nos em quatro grupos. Cada grupo ia por vez lá fora. As crianças iam de mãos dadas numa espécie de ritual. Tinham uma missão importante a cumprir. Ao final, olhamos todos juntos os segredos encontrados. Embalagens de amaciante, detergente, salgadinho, garrafinha d'água... Viramos uma das mesinhas da sala de lado e deu-se início a um gostoso teatro que animava aquelas formas. Surpreendemos. Improvisamos. Mas havíamos estudado antes as questões referentes ao problema da contaminação da lagoa. O amaciante e o detergente contaram porque estavam lá. O que era o fosfato... O que eram os biodegradáveis... As crianças perguntavam. Também quiseram manipular... Foi muito divertido!

### **Sujeito pós-dramático**

— (*risos*) Imagino. Mas continuo inquieto. É que o conceito de teatro pós-dramático compreende um teatro cujo texto teatral não é o regente da cena, apenas mais um elemento. E isto parece mudar muita coisa como, por exemplo, o tempo. Tomamos a vida, o tempo para recebermos um presente: tempo de vida em comum. Um tempo de partilha do aqui e agora em que se entrecruzam a vida real cotidiana e a vida esteticamente organizada. Compreendo, de acordo com Kieran, que o desenvolvimento das capacidades narrativas, do uso imediato da metáfora, de sua integração entre o cognitivo e o afetivo, de sua construção de sentido e significado, tem importância educacional, pois essas capacidades são fundamentais para a nossa capacidade de dar sentido à experiência. E não é isto que você está me contando? Mas até que ponto “preparar” aulas a partir do drama nos coloca em risco e gera experiências? Numa concepção pós-dramática os textos não correspondem às expectativas. Muitas vezes é difícil descobrir um sentido, um significado coerente de representação já que as imagens não são ilustrações de uma fábula. No modelo pós-dramático não encontramos mais a tríade drama, ação, personagens. A experimentação é assumida como tentativa, e nas tentativas há fracassos. A força não está no significado, mas talvez na presença e na intensidade do que acontece. Não se pode dizer que este teatro quer conhecer algo objetivamente da mesma forma que não quer ilustrar nada. O que resta? A apreensão do instante da vida sem qualquer expectativa?

### **Sujeito dramático**

— Imagine não ter expectativas na escola!

### **Sujeito pós-dramático**

— Eu pesquiso porque desejo o que, talvez, ainda não faça... Ou será que em algum momento já o fiz ou você mesmo o tenha feito...

### **Sujeito dramático**

— Acredito que tenha vivido muitos riscos e sem necessariamente uma dimensão linear já que os episódios vão tecendo um texto dramático focalizando perspectivas distintas sem uma linearidade. Neste sentido a ênfase se dá no processo. A preocupação é com a dimensão da aprendizagem. As dimensões artísticas e educacionais se devoram a tal ponto que... “o valor educacional da experiência será tanto maior quanto melhor for o resultado artístico alcançado” nos dizeres de Biange.

### **Sujeito pós-dramático**

— Ainda que não exista linearidade, existe uma lógica de reduplicação que Artaud no teatro da crueldade sempre combateu.

### **Sujeito dramático**

— Em que sentido?

### **Sujeito pós-dramático**

— No teatro burguês tradicional, o ator é apenas agente do diretor, que por sua vez repete aquilo que foi previamente escrito pelo autor. E o autor, por sua vez, já está ele próprio comprometido com uma representação, logo, uma repetição do mundo. Era com esse teatro da lógica da reduplicação que Artaud queria acabar. De certo modo, o teatro pós-dramático quer que o palco seja origem e ponto de partida, não o lugar de uma cópia. E eu não estou dizendo isto sozinho, o Lehmann também o diz.

Esta lógica da duplicação é presente na escola? Revelamos a vida real na escola? A vida real pode ser revelada? E a arte pode ser forma de revelar o real na escola?

### **Sujeito dramático**

— Às vezes não compreendo o que você propõe. Sempre estudamos e ministramos cursos para professores compreendendo o drama como capaz de uma reviravolta no ensino. Estamos aqui por isso. Você está em crise. Percebo que nega constantemente o drama e por consequência o drama como método... O que você anda lendo e fazendo? O que você quer propor?

### **Sujeito pós-dramático**

— (*pausa*) É como se aspirasse a uma experiência imediata do real. É possível entender o teatro pós-dramático como uma tentativa de propor não uma representação, mas uma experiência do real que visa ser imediata. E este caráter imediato de uma experiência compartilhada é nada mais do que o centro da arte performática cuja forma parece ser o recurso principal. Estou propondo pensar a performance, a educação. Se o ator do teatro pós-dramático configura-se como um performer que oferece em primeiro plano a vida, a intensidade e a força de sua presença, pode-se pensar um professor-performer, um *proformer*?

### **Sujeito dramático**

— No drama, o(a) professor(a) assume papéis ou personagens com o objetivo de interagir com os alunos. Os tipos de papéis representados podem ser classificados em termos de sua função e de seu status. Uma personagem que busca auxílio, conselho ou informação manifesta um status baixo. Outra personagem que coordena toda uma equipe e/ou a desafia tem um status alto, já um(a) professor(a)-personagem que introduz uma informação como, por exemplo, um(a) mensageiro(a) ou repórter tem um status intermediário. (*pausa*) Em um dos últimos encontros com as crianças chegou de surpresa o Dr. Limpa Lagoa na nossa sala! Ele nos contou quem era, fez várias perguntas e nos convidou para nos transformarmos em Doutores Limpa Lagoa como ele. Surpresos e empolgados decidimos experimentar! Fizemos um ritual no parque da escola ganhando figurino e maquiagem. Criamos várias cenas! Fizemos ainda um ritual de cura para a lagoa que incluiu até um “abracinho na lagoa” já que o doutor nos convidou para participar, num futuro próximo, de um evento comunitário que se chama Abraço na Lagoa... Voltando para a sala, desenhamos juntos um grande painel contando tudo o que havíamos aprendido. Sugestão dada pelo próprio Doutor! A ideia de interagir a partir desta personagem surgiu da observação das brincadeiras das próprias crianças que

reinventavam formas para curarem bonecas, bichos e amigos dentro das mais variadas formas e contextos nas suas brincadeiras... A atividade dramática propõe levar os participantes a assumir papéis e viver personagens como se fizessem parte daquele contexto naquelas circunstâncias. Ao se colocar no lugar de outras pessoas, de outras épocas ou de outros lugares, estes podem observar o mundo sob diferentes ângulos, assumindo atitudes inusitadas. Há um envolvimento decorrente das escolhas pessoais e da responsabilidade pelo desenvolvimento da atividade assumida enquanto trabalho em grupo. Todos somos autores da criação e tudo é negociável. E, confidenciando, todos nos divertimos, rimos e ficamos ansiosos porque ninguém sabe ao certo o que vai acontecer já que estamos todos dentro da história. Esta proposta, assim como o próprio teatro, está voltada à experiência humana, ela tende a provocar, a trazer novas questões por meio das intervenções do(a) professor(a) e das novas informações introduzidas. Estamos imersos numa atmosfera de pesquisa, escolhas, surpresas e descobertas que a todo o momento e das mais variadas formas nos instigam a produzir, atuar e realizar. Há a necessidade de risco, de pensamento-forma, de imagens e ações. Você não acha?

### **Sujeito pós-dramático**

— Mas quem se colocou realmente em risco até aqui? A escola, como instituição moderna e europeia, também tem seus primados, conteúdos a serem discursados para os alunos que, da mesma forma que no teatro dramático, se configuram como um duplo que representa a realidade. Na cena contemporânea há uma mutação perceptiva, do drama para um pós-drama. Esta mesma mudança pode corroborar com novas experiências de aprendizagem?

### **Sujeito dramático**

— Então você não nega o potencial do drama na educação, não é mesmo?

### **Sujeito pós-dramático**

— A questão não é negar ou afirmar. É simplesmente um desejo de querer ir mais além e perceber uma série de estudos que questionam o drama na cena contemporânea. Isso me afeta. Lehmann traz um exemplo: na pintura, a experiência estética requer e possibilita o prazer reflexivo do olhar, a vivência consciente de uma percepção visual pura ou predominante como tal, independente do reconhecimento de

realidades produzidas. Essa mudança de foco nas artes plásticas se evidencia há muito tempo, ao passo que no teatro é mais difícil diante da ação humana. Fico pensando... O que dizer na escola? Se for preciso remover drama orientado para a ação como centro estético do teatro é igualmente possível pensar numa mutação perceptiva na aprendizagem?

### **Sujeito dramático**

— Bom. Concordamos que temos de levar o sério à imaginação. Nada parece ser muito propício para que a imaginação cresça na escola, ela não tem papel no currículo escolar e é desconsiderada nas práticas vigentes da educação. Ambos concordamos com o Kieran, que a imaginação constitui-se numa dimensão ampla dentro da qual o pensamento convencional é controlado e de onde ele pode ser transcendido. Imaginação, neste sentido, não é o oposto de racionalidade, mas é o que pode dar vida, energia e rico significado ao pensamento racional. Eu imagino o aprender como significar, e o significado advindo da forma como aprendemos. Afinal, como significamos o que aprendemos?

### **Sujeito pós-dramático**

— Como nos sonhos. Estava lendo Maria Lúcia Pupo outro dia. Ela reflete sobre processos de ensino aprendizagem no campo teatral, a não hierarquia entre imagens, movimentos e palavras que fazem com que o discurso da cena contemporânea se aproxime da estrutura dos sonhos, uma espécie de poema cênico, no qual o espectador detecta apenas semelhanças, constelações e/ou correspondências quando busca uma organização que dê conta da percepção sensorial. Neste sentido, a autora indaga como pensar uma pedagogia para configurar estas cenas contemporâneas. E esta cena corrobora para pensar outras pedagogias? Pedagogias sem justaposição, sem elos, sem ligações. O teatro pós-dramático evidencia o não acabamento da percepção, seu caráter fragmentado é, portanto, tornado consciente. Neste sentido, performance e *happening* são algumas das manifestações mais evidentes da cena pós-dramática.

### **Sujeito dramático**

— Nossa.

### **Sujeito pós-dramático**

— Representar ou não representar? E se eu pensar o ato de ensinar como integrativo de diferentes linguagens escapando das delimitações disciplinares e do próprio método dramático?

### **Sujeito dramático**

— E por que trabalhar com o fragmentado e o não acabado no processo de aprendizagem? Transformar a percepção? Desordenar a escola? Um *nonsense* como pedagogia?

### **Sujeito pós-dramático**

— Experiências pedagógicas a partir do drama como método de ensino podem dar errado e não quererem ensinar? Gosto quando Pupo afirma que emerge no campo teatral a necessidade de um estado de espírito inteiramente repensado por parte do espectador. Deixa-me ler aqui umas anotações do texto dela. Passa a lanterna aqui. “Sentado ou em movimento, em situação de repouso ou sujeito a algum risco, o espectador é convidado a tecer elos e a configurar relações. Sua intuição e imaginação são convocadas de modo a preencher as inúmeras lacunas configuradas pelo acontecimento que se desdobra diante de seus sentidos”. Deslizar, para o campo da educação, outra função para os estudantes. Menos reconstrução mental e reprodução de discursos fixados e mais capacidade de reação e vivência como meio de participação no processo que lhe é oferecido.

### **Sujeito dramático**

— Mas até que ponto sacudir e provocar nossos estudantes oportuniza diferentes formas de recepção? E em que medida o próprio drama como método de ensino de Beatriz Cabral, os jogos teatrais de Viola Spolin e o trabalho com texto e jogo de Ingrid Koudela não propõe tais vivências?



### **Sujeito pós-dramático**

— Pode ser... Mas interessa-me desenvolver uma comunicação cujo êxito depende de quem participa, e não de quem aprecia, escuta e repete. Um valor concentrado no efêmero e subjetivo de uma experiência, na recepção desta.

### **Sujeito dramático**

— Afinal, o modo como o(a) professor(a) ensina influencia no currículo?

### **Sujeito pós-dramático**

— Sim. O desejo de aprender, acredito eu, tem a ver com as formas.

### **Sujeito dramático**

— Estamos nos confrontando pela primeira vez. Talvez isso seja uma ruptura.

### **Sujeito pós-dramático**

— Você sempre tão dramático. A história se dá por rupturas. Não tenha receios. Acredito que as coisas coexistem. Meu fascínio por me aventurar por outras formas para além do drama não o nega. Eu apenas não fico no drama. Acho que temos que transcender ao que já descobrimos. Ir mais além. Penso em tantas experiências que realizei com o drama. Nas mudanças no desenvolvimento pessoal de um aluno de sete anos que, simplesmente, não escrevia. Vivia sempre fugindo de qualquer atividade que lhe chamasse à escrita. Os colegas já se referiam a ele como *Ah... Ele não escreve professora*. Aí, num dos contextos dramáticos saímos como repórteres nas ruas do bairro a entrevistar as pessoas. Lembro-me de que tínhamos uma tarefa, figurino e certos objetos cênicos como pranchetas. Confesso que não me lembro de qual foi o pré-texto de nosso drama, mas lembro daquele garotinho que vinha a todo tempo mostrar-me seus escritos. Ele encheu folhas. Letras grandes. Escrevia tudo. Não entendia uma palavra de seus escritos, mas entendia seu prazer em ser repórter, em escrever. De alguma forma aquela ficção corroborava para mudanças na sua autoestima. Eu sentia.

### **Sujeito dramático**

— Então você vê que o drama cruza certas fronteiras, como afirma Biange, mudando percepções. Neste caso, individuais, mas também sociais e estéticas.

### **Sujeito pós-dramático**

— Sim, recordo-me de uma série de contextos dramáticos que realizei cuja temática era a história da arte. Para conhecer as inscrições rupestres fizemos uma viagem às cavernas... Carteiras empacotadas de papel *craft* formando um... um... uma caverna, oras. Claro, as inscrições estavam dentro. Sala escura. Tivemos que entrar com lanternas... Abaixados... Cada episódio era uma aventura por determinada expressão artística com um fundo ficcional. Explorar as fronteiras entre ficção e realidade sempre foi meu, digo, nosso ponto de partida para formas interativas de um processo de construção cênica. No final, nossas aventuras desenhavam cenas com personagens, figurinos, conflito... Uma vez, fomos até o Japão de avião, digo, as cadeiras na sala desenharam uma aeronave. Jogos para confeccionar as passagens, aeromoças e pilotos... Lá no Japão descobrimos um livro com estudos acerca do teatro kabuki e, a partir de então, criamos cenas numa sequência de posturas do teatro kabuki mescladas com sons e pesquisa em imagens.

### **Sujeito dramático**

— Isso seria uma evidência de que a inserção em distintos contextos e espaços, por meio da ficção dramática, gera mudanças na percepção estética. Afinal, as crianças conheceram uma forma teatral, uma manifestação artística por meio de um investimento emocional e de produção de prazer.

### **Sujeito pós-dramático**

— Essa pluralidade de significações que o espaço físico ganha a partir de seu uso bem como os textos ganham a partir da relação com ele, essa compreensão do mundo com os mesmos limites da linguagem, essa ressonância entre texto e contexto, aproximação e distanciamento como forma de historicizar, essas ressignificações sociais possíveis pelo fato de estarem dentro e fora do drama, estarem na sala e em outros lugares, terem funções individuais e coletivas que nos fazem observar, aprender... A gerar relações de ruptura com aquelas de continuidade do cotidiano da sala de aula.

### **Sujeito dramático**

— O que resta?

### **Sujeito pós-dramático**

— É como se o modo como as coisas são ditas fosse mais importante do que as coisas em si. Esse si das coisas que parece que quero esvaziar. Esvaziar a educação do sentido de representar o mundo. O drama como método de ensino ou aprendizagem tem corroborado com meus estudos acerca dos modos. Só quero ir mais além. Valorizar mais o acaso do que um discurso, ainda que ficcional e controlado. A necessidade de fazer drama ainda palpita-me, mas coexiste uma vontade de buscar um pós-drama. Talvez eu esteja fora de lugar pensando a educação ao mesmo tempo em que penso a arte. Isto é uma deficiência ou uma intensidade?

### **Sujeito dramático**

— Vamos dormir. Amanhã comunicamos nosso artigo.

### **Referências**

CABRAL, Beatriz Biange. Drama como método de ensino. *Arte em foco Revista de estudos sobre produção artística*. Departamento Artístico Cultural. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 5-93, 2º sem 1998.

CABRAL, Beatriz Biange (Org). *Ensino de teatro Experiências interculturais*. Florianópolis: Imprensa universitária, 1999, 130 p.

CABRAL, Biange; DANBY, Mark. *Antropofagia através do Equador*. Paper apresentado no III IDEA Congresso, Kisumu/Quênia. Austrália, 1999.

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo: relatos de uma professora*. 5ª ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. *A paixão de conhecer o mundo: relatos de uma professora*. 4ª ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

JEAN, Georges. *Los senderos de la imaginación infantil*. Los cuentos. Los poemas. La realidad. México D.F.: Fondo de cultura económica, 1990.

KIERAN, Egan. *Por que a Imaginação é importante para a educação?* In: CABRAL, Gladir de Souza; CELDON, Fritzen (Orgs). *Infância: imaginação e educação em debate*. São Paulo: Papyrus Editora, 2007.

LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro Pós-Dramático*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *Texto e jogo*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. *O pós-dramático e a pedagogia teatral*. In: GUINSBURG, J.; FERNANDES, Sílvia (Org.). *O pós-dramático: um conceito operativo?* São Paulo: Perspectiva, 2008.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula: o livro do professor*. São Paulo. Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

VIDOR, Bauriche Heloise. *A construção da narrativa cênica em sala de aula com base no jogo teatral – diferentes possibilidades*. Revista Ouvirouver. Uberlândia. v. 6, n. 1, p. 111-122. jan/jun 2010.

Recebido em 30/04/2011.

Aceito em 10/05/2011.